



Diversificação e inovação com a palmeira juçara (*Euterpe edulis*) no litoral norte do Rio Grande do Sul: a experiência da família Bittencourt
*Diversification and innovation with the Juçara palm (*Euterpe edulis*) on the northern coast of Rio Grande do Sul: the experience of the Bittencourt family*

BITTENCOURT, Nilson¹; MEIRELLES, Gabriel Barros²; GARCIA, Gabriela³; ROSA, Joaquim Martins⁴; DORNELLES, Carla⁵; GONÇALVES, André⁶ MOTTER, Cristiano⁷

¹ Agricultor Ecologista da Rede Ecovida de Agroecologia; ² Centro Ecológico, meirelles.gb@gmail.com ; ³ Centro Ecológico, gabrielavierogarcia@gmail.com; ⁴ Centro Ecológico, joaquimmrd@gmail.com; ⁵ Centro Ecológico, dornelles_florestal@yahoo.com.br, ⁶ Centro Ecológico, andrelzg@gmail.com ⁷ Centro Ecológico, motter.cristiano@gmail.com

RELATO DE EXPERIÊNCIA POPULAR

Eixo Temático: Manejo de Agroecossistemas

Apresentação e Contextualização da experiência

No Litoral Norte do Rio Grande do Sul, desde o início da década de 1990, diversas famílias de pequenos agricultores vêm diversificando seus sistemas produtivos. Com o forte incentivo da Organização Não-Governamental Centro Ecológico, que presta assistência técnica ao Núcleo Litoral Solidária (NLS) da Rede Ecovida de Agroecologia, famílias agricultoras vêm aprimorando a produção de banana em sistemas agroflorestais (SAFs). Nos também chamados banais agroflorestais há a combinação de espécies nativas da Mata Atlântica com as bananeiras, buscando trazer a composição, dinâmica e arquitetura da floresta para as áreas agrícolas. Isso têm contribuído para construção de agroecossistemas biodiversos e mais resilientes. É nestes sistemas, conforme Vivan (2000) que a palmeira juçara (*Euterpe edulis*) tem se demonstrado um importante componente, já que vem cumprindo diversas funções ecológicas assim como econômicas, principalmente através do uso dos seus frutos para produção do açaí de juçara. A palmeira juçara exerce um papel de espécie-chave na Mata Atlântica e é classificada como ameaçada de extinção. O Centro Ecológico vem há 20 anos buscando desenvolver a cadeia produtiva do açaí juçara, estimulando e assessorando as famílias agricultoras nas questões que tangem o cultivo, colheita, beneficiamento e comercialização do açaí juçara por acreditar ser uma atividade com grande capacidade de geração de renda, produção de alimento saudável e conservação ambiental.

Atualmente, são mais de 100 hectares de sistemas agroflorestais e extrativismo sustentável registrados como áreas certificadas para colheita e manejo de espécies nativas pela Secretaria de Meio Ambiente (SEMA/RS). São colhidas e processadas cerca de 25 toneladas de frutas de juçara por ano, mais de 100 pontos comercialização do açaí juçara na região e 35 escolas de sete municípios através



da política pública levando o açaí juçara para merenda escolar (SÁ, EDUARDO, 2022).

Desenvolvimento da experiência

A experiência do casal Nilson e Liamara Bittencourt se insere no contexto do trabalho com os sistemas agroflorestais no Litoral Norte do RS. Quando em 2017 trabalhavam com tomates e não tiveram uma boa safra, a alternativa encontrada foi a colheita de frutos de juçara nas áreas de outros produtores para comercialização. Foi um ano de grande produção de açaí juçara na região e eles encontraram aí uma fonte de renda alternativa importante para a família naquele período. Foi também um momento de aprendizado, quando puderam conhecer, observar e colher os frutos em diferentes áreas onde a produção de banana e juçara ocorrem simultaneamente. Quando iniciaram na bananicultura, levaram esta experiência para sua própria área e atualmente estão diversificando a produção com plantios organizados de palmeira juçara.

Em 2019 iniciaram o plantio com um espaçamento inicial entre 12x12 e 10x10 metros entre plantas, como pode ser observado na figura 01, buscando estabelecer uma densidade inicial que não interferisse na produção de banana.

Figura 01- Espaçamento entre palmeiras mais antigas



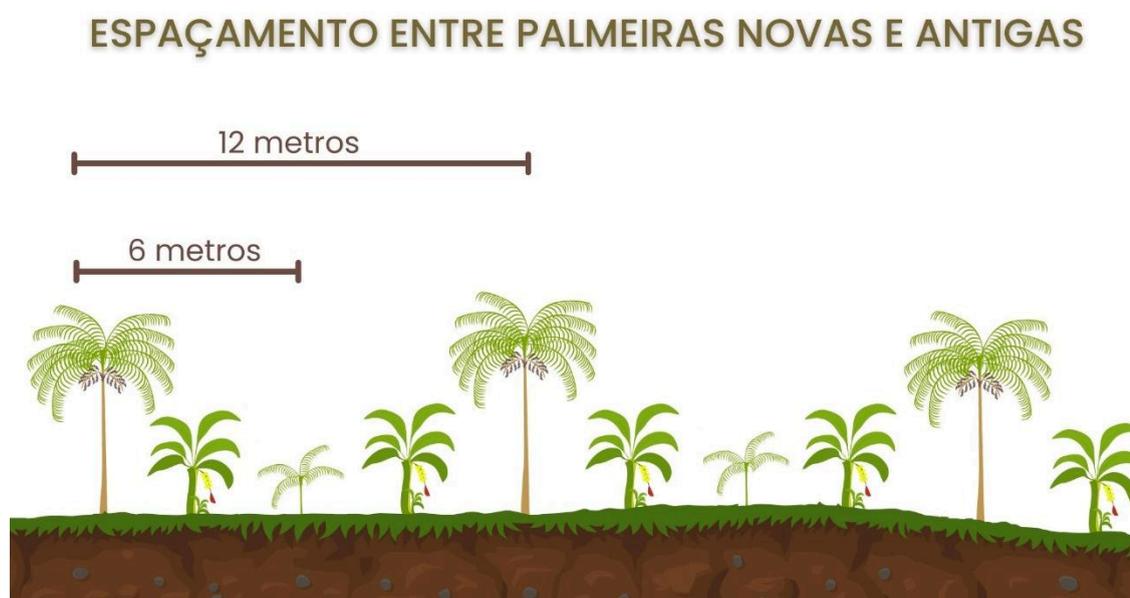
Fonte: dados de pesquisa elaborados pelos autores.



Sabendo que a palmeira juçara leva de 5 a 8 anos para começar a dar frutos, Nilson plantou mudas maiores, para antecipar a colheita. As mudas na verdade são palmeiras jovens (de 3 a 5 anos com 1 – 2,5 m de altura) provenientes das áreas de mata secundária/borda do bananal, onde a juçara está bastante presente e o ambiente sombreado favorece o desenvolvimento da espécie nos anos iniciais, formando um banco de mudas de *Euterpe edulis*.

Em 2022, Nilson Bittencourt percebeu que havia bastante espaço entre uma palmeira e outra. Decidiu, então, plantar uma palmeira jovem entre outras duas já plantadas, dobrando a densidade de juçara (figura 02). Devido a diferença de 3-4 anos do primeiro para o segundo ciclo de plantio, espera-se que quando as primeiras estiverem indo para o pico de produção, a segunda leva irá estar iniciando a dar frutos.

Figura 02- Espaçamento entre palmeiras novas e antigas



Fonte: dados de pesquisa elaborados pelos autores.

Dessa forma o agricultor vai iniciando o seu sistema agroflorestal, utilizando dois estratos da área agrícola para produção de alimentos, aumentando sua eficiência. Além disso, a área tem sido afetada por ventos fortes prejudicando a produção de banana, de forma que as palmeiras devem auxiliar na redução da velocidade do vento assim como no aumento da infiltração de água no solo, aumento da matéria orgânica e da atividade biológica do solo.

Técnica desenvolvida pelo agricultor

O transplante dos indivíduos jovens se dá com a utilização de uma pá de corte, buscando realizar um corte limpo em um raio de 20cm ao redor da base da planta,



em uma profundidade aproximada 30cm, buscando retirar um torrão de solo e preservar as raízes, como mostra a figura 03.

Figura 03 - Corte limpo feito com pá de corte realizado ao redor da base da planta e transporte para o local definitivo no bananal



Fonte: os autores

Alguns cuidados para o transplante das mudas jovens podem gerar mais sucesso, como: 1) Realizar o plantio e cobrir com matéria orgânica, buscando preservar a umidade do solo. 2) Cortar as folhas das mudas pela metade, diminuindo a transpiração e o estresse da planta, aumentando as chances de pegamento. 3) Escolher épocas chuvosas e de temperaturas amenas para esta prática. No litoral norte do RS o inverno é a época mais indicada.

Comparando esse método de plantio com a utilização de sementes ou compra de mudas, espera-se: a) obter um menor tempo entre plantio e início da produção de frutos; b) uma maior adaptação em ambientes com maior luminosidade e uma diminuição dos custos de implantação.

Desafios

Dentre as dificuldades enfrentadas uma que se destaca atualmente na agricultura familiar é a falta de mão-de-obra. No caso da família em questão não é diferente. Hoje trabalha o casal e um filho nas atividades familiares. O envolvimento do filho no trabalho agrícola é uma forma de superar esse desafio. Eventos climáticos extremos tem se constituído um grande desafio para toda a região do litoral norte do Rio Grande do Sul, principalmente relacionados a ciclones extratropicais que causam ventos fortes e atingem os cultivos, principalmente a bananicultura. A diversificação da produção também vem no sentido de superar essa dificuldade.

Principais resultados alcançados

Em uma região onde predomina o monocultivo de banana em sistema convencional, o principal resultado é a família levar adianta a diversificação da produção agroecológica de banana com uma espécie nativa ameaçada de extinção, a palmeira juçara. Mesmo com as adversidades enfrentadas, o enriquecimento é



estimado em 500 pés de juçara e a família já está começando a colher os frutos. Aliando a produção de alimentos à conservação da Mata Atlântica, e gerando renda aos agricultores com a produção de um alimento saudável, ao mesmo tempo que promove a disseminação de uma espécie ameaçada.

Disseminação da experiência

O Centro Ecológico tem buscado divulgar esta experiência nas reuniões de agricultores e nas plenárias do Núcleo da Rede Ecovida, com objetivo de estimular e inspirar outras famílias agricultoras da região a diversificar sua produção com a palmeira juçara. Através do desenvolvimento de vídeos, boletins, cards nas redes sociais busca-se divulgar a experiência para o público amplo com objetivo de socializar o importante trabalho feito com a família, assim como divulgar as técnicas utilizadas, buscando que a experiência chegue mais longe e inspire pessoas em diferentes regiões.

Referências

CENTRO ECOLÓGICO (org.). **Banana ecológica do litoral norte – das primeiras caixas a 15 mil toneladas por ano.** 2021. Disponível em: <http://m.centroecologico.org.br/noticias/1243>. Acesso em: 15 fev. 2022.

VIVAN, Jorge Luiz. **Saber Ecológico e Sistemas Agroflorestais:** um estudo de caso na Floresta Atlântica do Litoral Norte do RS, Brasil. Florianópolis, 2000, 98pp. Dissertação (Mestrado em Agroecossistemas) - Curso de Pós-Graduação em Agroecossistemas, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2000.

SÁ, Eduardo. **A contribuição do cultivo do Açaí Juçara para a nutrição e preservação ambiental no Sul do país.** 2022. Disponível em: <https://midianinja.org/news/a-contribuicao-do-cultivo-do-acai-jucara-para-a-nutricao-e-preservacao-ambiental-no-sul-do-pais/> Acesso em: 04 julho. 2023.